

A ÉTICA E AS PROFISSÕES - Uma reflexão filosofante¹

Resumo

A exposição do tema é desenvolvida como uma reflexão que adota a filosofia enquanto uma atividade livre e renovável. Quatro pontos são enfocados. O primeiro trata de identificar a presença da ética e das profissões no desenvolvimento civilizatório. O segundo ponto sublinha a importância da linguagem na organização da vida humana. A aproximação do aspecto ético ao conteúdo científico na elaboração do discurso profissional constitui o terceiro ponto. Por fim, o quarto ponto desenvolve aspectos do Código de Ética, em especial, suas funções e seus limites.

O tema, A Ética e As Profissões, é instigante e desafiador pela extensão de sua abrangência, pela diversidade de suas perspectivas e, muito particularmente, pela sua extrema complexidade. Tal situação pode ser observada desde a sua formulação. Os artigos definidos suporiam que se trata de uma ética e de profissões já estabelecidas e conhecidas. Mas a preocupação, aqui, não é esta ainda que possa influenciar o tratamento do que está proposto.

Diante desta primeira observação, a escuta e a interpretação das palavras do anúncio do tema ficam sob a responsabilidade da formação intelectual do leitor. Por isso, obedecendo a este princípio, a presente leitura, dada a formação acadêmica e de acordo com as atividades docentes e de pesquisa do autor, acontecerá segundo critérios da filosofia, talvez, melhor dito, do filosofar. Assim, o roteiro da leitura será o de uma reflexão filosofante. Filosofante pela simples razão de que a reflexão se faz refletindo e a filosofia se faz filosofando. Do mesmo modo que o caminho se faz caminhando, apenas para lembrar o já conhecido poema de Antônio Machado.

Pelo filosofar, a filosofia é assumida como uma atividade plurívoca, livre e constantemente renovável. O filosofar não se apresenta como explicação ou resposta às questões, mas como reflexão circular. Neste sentido uma reflexão filosofante não assume as funções de responder, de condenar ou de aplaudir, mas de despertar consciências, promover debates, desenvolver reflexões e praticar o diálogo. Filosofar, falando

¹ Texto produzido para o Congresso da FIEP/2012.

heideggerianamente, é uma forma de pensar que se infiltra entre o revelar-se e o ocultar-se do ser. O ser ético e o ser profissional se revelam e se ocultam entre definições e conceitos teóricos, entre procedimentos e normas profissionais.

Ainda, nesta breve introdução, duas palavras, uma sobre ética, outra sobre profissões. A ética, desde suas formas rudimentares das sociedades primitivas, passando pela rigidez dos dogmas teocêntricos, até as tentativas das éticas cognitivistas, foi sempre entendida como a parte da sabedoria, das crenças ou da racionalidade responsável pelo comportamento humano individual e coletivo segundo valores definidos e assumidos culturalmente. O ideal de uma ética universal ainda não foi alcançado na prática. As profissões, também, seguem o ritmo do desenvolvimento humano, embora sob outras formas de designação. A raiz primordial está na imposição natural de satisfazer as necessidades da espécie humana. Aos poucos, quanto mais a organização social crescia, foram surgindo diversificações de atividades correspondentes às novas necessidades de vida coletiva. A história do processo evolutivo profissional, mesmo para quem pouco conhece, oferece uma riqueza imensa de detalhes, particularmente, em relação ao aumento da complexidade das organizações sociais graças ao desenvolvimento científico e tecnológico. Resumidamente é possível afirmar que o conceito de profissão, como atividade oficialmente estrutura, a rigor, somente se aplica a partir da idade moderna com a revolução industrial.

Para entender o sentido profundo de profissão, mais que apelar aos conceitos e definições, é mais ilustrativo lembrar a obra, *O Conflito das Faculdades*, de Emmanuel Kant (1724-1804). O tema das profissões não é central nesta obra, mas Kant mostra aspectos que merecem atenção, a começar por esta afirmação referente ao licenciado que, ao se entregar às atividades práticas de sua profissão, se torna “um homem de negócios ou um técnico da ciência”. A idéia da função profissional aparece quando Kant trata da classificação das faculdades. Três faculdades são superiores: Faculdade de Teologia, Faculdade de Direito e Faculdade de Medicina, e um faculdade inferior, a Faculdade de Filosofia. Ao definir a função de cada uma, Kant fixa, conseqüentemente, o eixo central do perfil de seus egressos. Assim, cabe à Faculdade de Teologia ocupar-se do bem eterno dos cidadãos; à Faculdade de Direito compete atender o bem social; enquanto o bem-estar temporal, a saúde, é tarefa da

Faculdade de Medicina. As três devem ser controladas pelo Estado por leis para impedir desvios de finalidades, substituindo a razão e a lei pelos caprichos e interesses particulares. Apenas a Faculdade de Filosofia deve gozar de liberdade ampla pelo fato de se orientar não pela autoridade, mas pelos ditames da razão.²

O aspecto a ser sublinhado nesta reflexão é a característica comum do perfil dos profissionais das três faculdades superiores que é o bem das pessoas – eterno, social ou temporal – respectivamente, sendo, também, o princípio fundamental da ética. Enquanto a Filosofia, guiada pela razão, tem o compromisso com o conhecimento e a verdade.

Feita essa meia digressão, pela segunda vez, surge a necessidade de optar por um portal de acesso ao amplo cenário que se abre diante da articulação relacional entre ética e profissão numa sociedade dominada pela ciência e pela tecnologia sob a regência de um sistema econômico globalizado. Entre essas opções estão as relações capital/trabalho e as relações das necessidades básicas/prestações de serviços. Apesar de sua importância não serão escolhidas. A escolha recaiu sobre o discurso, a partir da idéia Maturana³ de que a origem do humano está na linguagem, e acrescida da análise do papel do discurso na ordenação do mundo por Michel Foucault⁴. Resumidamente é legítimo concluir que o humano se faz palavra e o social se faz discurso.

Maturana é incisivo ao afirmar que é na linguagem que acontece a convivência humana pelo conhecimento e pela ação resultando no operar em coordenações consensuais.⁵

Michel Foucault mostra outra face da linguagem, a do poder de ordenar o mundo pelo discurso dominante sem estar comprometido com a verdade universal, ao contrário, ele é o produtor da verdade e por extensão do bem. Nada melhor do que reproduzir suas palavras:

“Eis a hipótese que eu queria avançar, esta noite, do trabalho que eu faço: eu suponho que em toda sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de

² Kant, Emmanuel. *Le Conflit des Facultés*, 1978; trad. fr., Paris, Vrin, 1955. P. 13 ss.

³ Maturana, R. Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Trad. José. F.C. Fortes. Belo Horizonte, Ed. UFMG. 1988. P. 17.

⁴ Foucault, Michel. *L'ordre du discours*. Paris, Gallimard, 1971.

⁵ Maturana, R.H. *Op. Cit* p. 17, 35,36.

procedimentos que tem por função de conjurar os poderes e os perigos, de dominar o evento aleatório, de evitar a pesada, a temível materialidade”.⁶

A partir desta tese, Foucault afirma que numa sociedade há dois tipos fundamentais de procedimentos, os de exclusão e os de interdição. Entretanto, não impede que fale em inclusão e em autorização. Na primeira leitura o foco é centrado nos excluídos e interditados; na segunda, colocam-se em primeiro plano os incluídos e os autorizados. É bom lembrar que Foucault é o pensador dos excluídos, dos marginalizados e dos grupos minoritários.

O fenômeno da exclusão e da interdição acontece, exatamente, pela distribuição do discurso competente que é transmitido através da formação acadêmica baseada num conjunto de conhecimentos previamente estabelecido. Ao conjunto de conhecimento está inerente o discurso correspondente que confere poder de exercer a respectiva profissão. Ao mesmo tempo que o licenciado recebe o diploma, como garantia de saber exercer tal atividade, recebe, também, um território na ordem social, onde com todo direito pode praticar seu discurso e seu operar. Somente ele e aqueles, como ele, investidos da mesma formação, possuem a autoridade para intervir no território que lhes foi confiado. Ninguém mais poderá fazê-lo. E quem se atrever, será um usurpador e merecedor de punições legais. Para Foucault este é o ponto de partida de todas as formas de exclusão e de interdição. Quem não alcançou a devida formação profissional não só está excluído de tal discurso e de seu correlato operar, mas também interditado de tentar se apropriar de modo aleatório.

Outra questão a ser considerada é a do acesso aos conhecimentos que introduzem as pessoas nos territórios de poder da ordem social. Cada território é composto de diferentes camadas sociais e de múltiplas participações. Os territórios estão articulados entre si. E as pessoas podem participar de vários territórios com diferenças de participação. O que está em jogo, para Foucault, são as instâncias do poder. A exclusão e a interdição, fundamentalmente, acontecem não por uma decisão direta, mas por via indireta, pelo fato

⁶ Foucault, Op. Cit. P. 10 Voici l’hypothèse que je voudrais avancer, ce soir, pour fixer le lieu du travail que je fais: je suppose que dans toute société la production du discours est à la fois contrôlée, organisée et redistribuée par un certain nombre de procédures qui ont pour rôle d’en conjurer les pouvoirs et les dangers, d’en maîtriser l’événement aléatoire, d’en esquiver la lourde, la redoutable matérialité”.

de alguém não ter conseguido investir-se, pelos trâmites legais, daquela ciência específica que lhe confere o poder de decidir na esfera correspondente.

Cada profissão tem o seu território, mas nem todas as profissões exigem a mesma qualificação e nem todas tem o mesmo rigor de ingresso e de manutenção do território. Em termos mais claros e simples, existem profissões mais nobres e menos nobres. O nível de escolaridade é um critério de nobreza, em geral, exigido pela excelência do serviço a ser prestado. Neste cenário se situam as profissões liberais e as atividades da área administrativa. No setor dos serviços, em que a força física supera a necessidade de formação escolar, encontram-se as profissões populares com uma organização muito rudimentar, tanto em relação aos conhecimentos teóricos, quanto à possibilidade de ingresso por aprendizado prático.

Quando se fala em ética e profissões, provavelmente, a referência maior recai sobre as profissões liberais, dotadas de sólida organização referente às capacidades científicas e técnicas, como requisitos pessoais, e de normas legais e morais regendo a conduta profissional e garantindo a integridade de seu território de atuação. A primeira exigência é assegurada pelo diploma acadêmico, enquanto o código de ética profissional se encarrega da segunda exigência.

É neste cenário que entra o discurso ético para assegurar a conduta moral do profissional. As competências científicas e técnicas reclamam o complemento dos princípios éticos. Albert Einstein, em seu livro *Como Vejo o Mundo*, faz um apelo veemente sobre a necessidade da cultura moral. Diante da criação da Sociedade das Nações – atual ONU – proclamou: “as paixões nacionais destruíram a comunidade dos espíritos, e o laço unitário da linguagem desapareceu”.⁷ E acrescenta “a compreensão de outrem somente progredirá com a partilha de alegrias e sofrimentos”, e completando diz que “sem cultura moral, nenhuma saída para os homens”.⁸ Bronowski lamenta dizendo que “A ciência não parou desde Hobbes, mas assuntos tais como a ética pararam”.⁹ E para finalizar, o lamento de Humberto Maturana ao declarar que “Temos desejado substituir o amor pelo conhecimento

⁷ Einstein, A. *Como Vejo o Mundo*. Trad. de H.P. de Andrade. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. P. 24.

⁸ *Idem*, p. 25.

⁹ Bronowski, Jacob. *Ciência e Valores Humanos*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1979. P. 45

como guia em nosso agir conosco mesmo, em nossas relações com os outros seres humanos e com a natureza toda, e temos nos equivocado”.¹⁰

O discurso ético entra no universo das profissões para afinar¹¹ o discurso tecnocientífico através do gesto afetuoso, do olhar iluminado, do ouvido aguçado, da humanização da impessoalidade científica, da transformação da sisudez racional em sorriso compreensivo e fraternal. A ética, sem negar a importância da ciência e da técnica, coloca em primeiro plano o bem, como ensinou Kant, todo o aperfeiçoamento do operar humano deveria estar à disposição deste ideal, promover o bem, como constatação do Imperativo Categórico.

Portanto, o código de ética, certamente, deve ser a partitura da harmonização entre o discurso científico e o discurso ético formando a melodia do discurso profissional, cuja regência compete ao Conselho de Ética.

Esta complexa presença da ética e da ciência no universo das profissões abre espaço para algumas observações interrogativas, como convite a reflexões mais profundas, especialmente, em relação aos temas éticos e morais.

1. A primeira observação refere-se à abrangência da ação do Código de Ética. Deve ele manter-se circunscrito aos estritos limites dos encargos da profissão e das competências do seu titular no exercício de seus compromissos profissionais? A vinculação da profissão com o todo da sociedade e o comprometimento da vida pessoal particular merecem a atenção? Está comprovado que as normas ficam inócuas sem comprometimento da responsabilidade pessoal. Os fatos, relatados nesta carta, podem convencer mais do que as palavras:

“Os meus olhos viram câmaras de gás construídas por engenheiros doutores; adolescentes envenenados por físicos eruditos; crianças assassinadas por enfermeiros diplomados; mulheres e bebês queimados por bacharéis e licenciados (...) Por isso desconfio da educação. Eis o meu apelo: ajudem vossos alunos a serem humanos”.¹²

¹⁰ Maturana, R H. De Máquinas e Seres vivos: Autopoiese – A Organização do Vivo. Porto Alegre. Artes Médicas. P. 33.

¹¹ Afinar, no sentido de harmonizar um instrumento musical.

¹² Trecho da carta de um sobrevivente de um campo de concentração, retirado do um recorte do jornal O Público Português, sem data e referências.

2. O código de ética tem competência para sugerir, talvez, exigir uma formação humanística que ofereça o estudo de uma ética mais vertical, que parta dos princípios fundantes da eticidade, superando, assim, a horizontalidade das normas e protocolos morais e jurídicos? Exemplificando. Em seu artigo, Formação Humanística, Luciano Mendes faz referência ao recente Programa Ciência sem Fronteiras do Governo Federal que oferece bolsas, em quatro anos, para 75 mil pessoas realizarem estudos no exterior. Ele aplaude a iniciativa, mas acrescenta, “no entanto, é de lamentar a ausência das ciências humanas e sociais”.¹³

3. Os meios de comunicação de massa divulgam frequentemente desvios de conduta nas mais diferentes categorias profissionais, umas com maior destaque por acontecem em setores de maior impacto na vida individual e social dos cidadãos. Essas ocorrências, pelo que se observa, não são privilégio de alguns países menos desenvolvidos, pois surgem em países que, pela sua cultura e desenvolvimento social, pareceriam imunes. Diante destes fatos, parece lógico concluir que os códigos de ética não estariam suficientemente instrumentalizados para exercer uma vigilância mais eficaz.¹⁴

4. Surgem, também, casos, em que os profissionais resolvem assumir atitudes elogiáveis, mas, aparentemente ao arrepio do Código de Ética. Ou não? Um exemplo para pensar:

Na Santa Casa de sertãozinho (SP), instituição filantrópica que, legitimamente, atende ao SUS quanto aos convênios, deu-se o seguinte episódio:

“O médico Paulo Laredo Pinto atendia um paciente de 55 anos, diabético, obeso e hipertenso (...), internado há dias. Ele sentiu dores no peito, e Laredo, cirurgião vascular, diagnosticou um processo de enfarte: ‘Ele podia morrer se ficasse mais cinco minutos na enfermaria’. Diante do quadro, pediu transferência do paciente para a CTI. Nem pensar. O homem era do SUS e, mesmo havendo vaga no centro de terapia intensiva, estava à espera de algum paciente dos planos privados. Com o apoio de dois colegas, desconsiderou a negativa e transferiu o doente. Fez mais: chamou a Polícia. ‘Registrei um boletim de preservação de direito. Existe o crime de omissão de socorro. O leito não é de ninguém, é de quem precisa’.”¹⁵

¹³ Mendes, Luciano. Formação Humanística. Jornal, O Estado de Minas Gerais, sábado 03.09.2011.

¹⁴ Em recente programa – 16.09.2011 – apresentado pelo canal francês TV5Monde, divulgou uma pesquisa junto ao Swissmedic com seu diretor, Pierre Dayer, mostrando que os deslizos são mais frequentes do se pensa, especialmente no setor de medicamentos.

Entre nós, o setor do agronegócio, segundo relatos divulgados por órgãos governamentais, a região do Matogrosso é campeã mundial de uso de agrotóxicos com graves problemas de saúde para a população.

¹⁵ Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 28.08.2011. p. 8.

5. Uma questão intrigante, talvez, remanescente de um idealismo utópico, ultrapassado e delirante, o que não impede de ser lembrada, através do depoimento de quem é da área profissional.

Ryad Younes, médico e docente da USP, fez, num artigo, um depoimento pessoal emotivo do qual foram retiradas curtas passagens. “Mal conseguia esperar para iniciar a arte e o sacerdócio de aliviar as dores e curar as doenças do meu próximo”. (...) “Estou na medicina há trinta e dois anos, mais precisamente cuidando de doentes com câncer (...), neste período, tive contato com a medicina real, e os colegas médicos de carne e osso. A arte e o sacerdócio da medicina continuam lá, mas encontrei poucos, muito poucos, artistas e sacerdotes”.¹⁶

6. Por fim, a última observação, poderia não ser, mas apenas mais uma, está inspirada na palestra de Maturana aos estudantes do Chile sobre a educação a pedido dos mesmos e como referência o Chile. Começa por mencionar duas situações distintas, separadas por vinte anos entre o tempo em que era estudante de medicina, e o momento vivido pelos atuais universitários. “Logo no início dos meus estudos universitários reunimo-nos todos os estudantes (...) havia um propósito comum: devolver ao país o que estávamos recebendo dele”. Mais adiante, Maturana reconhece que os estudantes, hoje, se encontram no dilema de preparar-se para competir no mercado de trabalho.¹⁷

Neste momento, para concluir esta reflexão, cabe um simples comentário. É possível que esta última observação esteja na raiz do sucesso da fusão de ética e de ciência no exercício do discurso e na ocupação do território profissional.

Silvino Santin

Santa Maria, 24.09.2011

¹⁶ Ryad Younes, artigo Revista Eletrônica Terra Magazine, março de 2011.

¹⁷ Maturana, RH. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. P. 11 e 12.